

CORRESPONDÊNCIA

ainda OS DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS

António José Saraiva

50 rue Elisée Reclus. 94 Kremlin-Bivêtre. 4 de Maio de 1971

Exmo. Senhor Director de «O Tempo e o Modo»

A publicação, com atraso, do meu esclarecimento ao artigo do Sr. S. L. R. no n.º 84 de TM foi precedida e seguida de duas longas prosas do mesmo articulista relativas ambas ao meu livro e à minha carta.

Na primeira, publicada no número 85, onde normalmente a minha carta de 16 de Fevereiro devia ter saído, o Sr. S. L. R. explica ao Sr. Emídio Santana as razões por que recusa o diálogo comigo. Na segunda, publicada no número 86 juntamente com a minha carta, demonstra triunfantemente que não respondi às suas «acusações».

Só o respeito que tenho pelos leitores de TM me obriga a vir lembrar-lhes que a minha carta de 16 de Fevereiro não é uma *resposta* ao artigo do Sr. S. L. R. Não se responde a um indivíduo que recusa, por sistema, o diálogo. Apenas me interessou denunciar a deformação e falsificação sistemáticas a que o Sr. S. L. R. sujeitou a letra e o espírito do meu livro para me poder identificar como «inimigo de classe».

O Sr. S. L. R. não me fez críticas nem objecções, mas, como ele próprio diz na sua última prosa, «acusações». Não respondo a «acusações» porque não reconheço a idoneidade do tribunal, nem colaboro em palhaçadas.

Resta-me acrescentar que as «gralhas» de que se queixa o Sr. S. L. R. (e que ele teve a precaução de corrigir, já depois de recebida a minha carta, no número 85, em que ela devia ter sido publicada) são, qquanto a mim, *lapsus calami*, da responsabilidade do autor (e não do tipógrafo), reveladoras da desatenção com que ele leu no meu livro tudo o que não levava ao moinho das suas «acusações».

Ponho ponto final ao assunto lembrando aos leitores que a melhor maneira de formar um juízo sobre esta questão é ler ou reler o meu livro e compará-lo com a crítica do Sr. S. L. R.

Esperando a publicação desta carta nos mesmos termos da anterior, subscrevo-me, Senhor Director, atenciosamente,

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Mas uma vez A. J. S. responde a Sebastião Lima Rego. E mais uma vez, como ele próprio confessa, «não responde». Até aqui, nada de estranho — Sebastião Lima Rego já explicara no número 86 porque é que A. J. S. não podia responder realmente a *O desafio de um marginal*, mas porque, no entanto, era obrigado a «responder-lhe»... As «respostas» de A. J. S. são a melhor prova da sua incapacidade e simultaneamente da sua vulnerabilidade em face de uma crítica consequentemente demolidora de *Maió e a crise da civilização burguesa*. Que mais pode fazer um pobre marginal «com as retiradas sempre seguras», senão *retirar-se*, a resmungar, quando é posto claramente a nu o carácter reaccionário das suas «reflexões»?

Nesta última missiva A. J. S. não consegue efutar um único dos argumentos com que Sebastião Lima Rego pacientemente desmontara as suas iradas acusações da carta anterior. Assenta A. J. S. toda a diatribe em apenas duas ordens de «razões» e só nelas:

1) — A sua resposta (que o não era...) *devia* ter vindo publicada no número 85 da revista e não no 86!!! Não explica porquê, nem qual o acréscimo de valor que a carta eventualmente adquiriria se tivesse saído um mês antes... (É evidente que a um sonhador como A. J. S. nunca lhe passou pela cabeça que o n.º 85 já estava composto quando a sua resposta — perdão! A. J. S. não responde! — chegou à nossa redacção).

2) — As gralhas também não o eram (já é mania!), mas sim maquiavélicas conjuras destinadas a retalhar torpemente o magnífico discurso de A. J. S. Assim mesmo! As duas pequenas e anodinas gralhas do artigo de Sebastião Lima Rego, são os moinhos deste impenitente quixote do nosso tempo. Ao menos que se salve a montada...

É, como vêem, «tempo de acabar mesmo com esta palhaçada». COMO O LEITOR ACABA DE VER, HÁ DIÁLOGOS IMPOSSÍVEIS.